

Interkulturelle
Mnemo-Graphien

**Mnemo-Grafias
Interculturais**

Intercultural
Mnemo-Graphies

ORGANIZAÇÃO

MÁRIO MATOS
ORLANDO GROSSEGESSE



Universidade do Minho
Centro de Investigação em Ciências Sociais

MÁRTIRES CRISTÃS DO BOLCHEVISMO

As violações de alemãs na Segunda Guerra Mundial
sob um olhar católico

Júlia Garraio

Depois da Reunificação da Alemanha, foi repetidamente afirmado que as violações de mulheres alemãs pelos vencedores tinham sido uma questão tabu nas décadas após a Segunda Guerra Mundial e que obras como o documentário de Helke Sander *BeFreier und Befreite. Krieg, Vergewaltigung, Kinder* [Libertadores e Libertadas. Guerra, Violação, Filhos]^[1] e o diário anónimo *Eine Frau in Berlin. Tagebuch-Aufzeichnungen vom 20. April bis 22. Juni 1945*^[2] tinham quebrado um longo silêncio auto-imposto sobre a temática. Uma análise mais atenta ao espaço público das primeiras décadas da República Federal da Alemanha revela todavia a presença da memória das violações cometidas pelo Exército Vermelho. No contexto dos documentos e da literatura sobre o fim violento do ‘Leste alemão’, a violência sexual é um tema recorrente.^[3] As violações, a par das pilhagens, da fome,

1 O título contém um jogo de palavras. No mundo anglo-saxónico, o filme foi exibido como *Liberators take liberties*, título que tenta exprimir certas conotações criadas pela capitalização do “f”.

2 O diário anónimo foi publicado em 1954 (Nova Iorque) em versão inglesa, seguindo-se traduções noutras línguas. Aquando da publicação alemã, a recepção negativa junto do público teria levado a autora a proibir a reedição do texto durante a sua vida. Em 2003, o diário foi publicado, tornando-se um dos maiores êxitos editoriais da Alemanha desse ano. O texto foi igualmente reeditado em várias línguas. Em Portugal é comercializado com o título *Uma mulher em Berlim*.

3 Veja-se, por exemplo, o projecto governamental de recolha de informação da fuga e expulsão do Leste, que culminaria na publicação em Bona, entre 1953 e 1962, dos oito volumes da série *Dokumentation der Vertreibung der Deutschen aus Ost-Mitteleuropa*.

da prisão, das torturas, da deportação e da perda da terra natal, fazem parte das experiências fundamentais que marcam a fuga e a expulsão. A questão foi mesmo referida pelo Papa de então. Na sua carta aos bispos alemães de 1 de Novembro de 1945, Pio XII escreve:

Wir beklagen mit euch im besonderen jene unwürdigen Beleidigungen und Misshandlungen, die nicht wenige deutsche Frauen und Mädchen erlitten haben. (*apud* K: 10)

[Lamentamos com Vós especialmente as ofensas e os maus-tratos indignos que sofreram não poucas mulheres e raparigas alemãs.]

Este trabalho ocupa-se de uma obra que dá grande valor às palavras de Pio XII. *Martyrium und Heldentum Ostdeutscher Frauen. Ein Ausschnitt aus der Schlesischen Passion 1945/46* (1954) [*Martírio e heroísmo de mulheres da Alemanha Oriental: Fragmentos da história trágica silesiana 1945-46*], do teólogo católico alemão Johannes Kaps⁴, é uma recolha de histórias de violência sexual, assassinios e privações que testemunham um confronto, a partir de uma perspectiva alemã católica, com o trauma das violações. A obra fecha uma trilogia sobre o fim da Silésia alemã. Antes já tinham sido publicados *Vom Sterben schlesischer Priester 1945/6* [Sobre a morte de padres da Silésia] (1950) e *Tragödie Schlesiens 1945/6 in Dokumenten* [Tragédia da Silésia 1945/6 em documentos] (1952/53). Na trilogia, as atro-

4 Johannes Kaps (nascido em Breslau em 1906 e falecido em Munique em 1959) ficou conhecido sobretudo pelas suas obras sobre a expulsão dos alemães da Silésia. Oriundo de uma família católica muito religiosa, Kaps frequentou o ensino católico, estudou Direito e em 1930, com 24 anos, iniciou estudos de Teologia. Em 1935 é consagrado padre. Em 1939, pouco depois do re-entantar da Segunda Guerra Mundial, regressa à Breslau natal. Segundo Hans-Ludwig Abmeier, durante a guerra, Kaps ter-se-ia empenhado na libertação de padres perseguidos e teria tentado evitar a deportação de judeus e de 'mistos' (Abmeier acrescenta, porém, que, devido à destruição da guerra, a documentação comprovativa é escassa). Kaps viveu a capitulação de Breslau a 6 de Maio de 1945, testemunhando as atrocidades cometidas contra a população alemã nos meses que se seguiram. Em Agosto de 1945 deixa a cidade para o 'Ocidente', onde relata a situação miserável em que a população alemã da Silésia se encontrava. Com este intuito viaja até Roma para informar o Papa Pio XII. Nos anos seguintes empenhou-se em prestar apoio aos expulsos radicados na República Federal da Alemanha e em escrever obras sobre a expulsão. Em 1952, passa a dirigir os Serviços de Registo Paroquial da Igreja Católica e Arquivo dos Expulsos (*Katholisches Kirchenbuchamt und Archiv für Heimatvertriebene*) em Munique. A trilogia sobre a Silésia foi traduzida nos anos 50 para Inglês, Francês, Italiano, Espanhol e Português com o intuito de internacionalizar o problema dos expulsos alemães, no sentido dos objectivos traçados pelo então Ministro dos Expulsos Hans Lukaschek (Abmeier, s/d). A tradução portuguesa de Hans Fading, *Martírio e heroísmo de mulheres da Alemanha Oriental: Fragmentos da história trágica silesiana 1945-46*, foi publicada em 1957, pela editora católica alemã responsável pelo original (Christ Unterwegs).

idades cometidas pelo Exército Vermelho contra a população alemã são inscritas numa narrativa antiquíssima de perseguição aos cristãos. A partir da análise das estratégias de representação e significação da violência sexual no volume *Martírio e heroísmo de mulheres da Alemanha Oriental*, tentarei demonstrar como esta interpretação do passado tão problemática se predispõe para o discurso anti-comunista da Guerra-Fria e se conjuga com a afirmação de alguns pontos da doutrina católica.

A instrumentalização da violência sexual para desacreditar o inimigo e o simultâneo silenciamento das violações cometidas pelo próprio lado pode ser visto como um fenómeno praticamente universal. Os nossos homens combatem para proteger as nossas mulheres e as nossas filhas, assim clamam frequentemente os propagandistas da guerra. O que costuma ser omitido nos discursos belicistas é que normalmente a violência sexual não é cometida apenas por um dos lados (isto é, também as mulheres e as filhas do inimigo, e muitas vezes o próprio inimigo e os seus filhos, são vítimas de violação). Esse tipo de discursos guerreiros e nacionalistas tenta denunciar os adversários como violadores de mulheres e raparigas com o intuito de os desacreditar enquanto representantes da ‘violência ilegítima’ contra a população civil. Todavia, não é apenas na propaganda de guerra que este tipo de estratégias de demonização é utilizado para mobilizar a população. Também em épocas de paz certas imagens assustadoras de violência sexual desempenham um papel de relevo na construção de identidades colectivas, tal como Sabine Sielke postulou num estudo sobre a literatura e a cultura norte-americanas: “(...) to talk about rape does not necessarily denote rape (...). Instead, transported into discourse, rape turns into a rhetorical device, an insistent figure for other social, political, and economical concerns and conflicts.” (Sielke, 2002: 2)

Antes de analisar em que medida *Martírio e heroísmo de mulheres da Alemanha Oriental*^[5] denota de maneira paradigmática este fenómeno, torna-se necessário proceder a uma breve apresentação desta obra pouco conhecida. O prefácio do livro é da responsabilidade de Joseph Ferche, que se apresenta como o único bispo sobrevivente da Silésia e como testemunha ocular da invasão do inimigo de Leste. O estatuto de bispo funciona como uma espécie de garantia da autenticidade das atrocidades relatadas junto daqueles no Ocidente para quem os testemunhos possam parecer inverosímeis. A Introdução (Capítulo I) veicula fundamentalmente a posição ofi-

5 Na realização do presente estudo consultei apenas o original alemão. As traduções das citações são, por isso, da minha responsabilidade. A obra será referida pela sigla K, seguida do respectivo número de página do texto alemão.

cial da Igreja Católica perante o problema da violência sexual. Para tal, são referidas algumas mártires do Cristianismo e o destino das romanas cristãs violadas durante as Invasões Bárbaras. São as palavras do já referido Pio XII e de outras altas personalidades da Igreja da época e sobretudo os ensinamentos de Santo Agostinho que servem de base para a posição católica perante o fenómeno da violência sexual. O segundo capítulo, que ocupa mais de dois terços do livro, é dedicado à transcrição de relatos de alemães expulsos, recolhidos maioritariamente em inícios dos anos 50 e retirados em grande parte da obra inédita do autor *Beiträge zur Geschichte der Erzdiözese Breslau in den Schicksalsjahren 1945 bis 1951* [Contributos para a História da Arquidiocese de Breslau nos anos fatídicos de 1945 a 1951]. Todos os relatos apontam para casos de violência sexual (sofrida e/ou presenciada) após a chegada do Exército Vermelho. Surge em primeiro lugar a história de uma educadora de infância levada para a Sibéria. Segue-se um sub-capítulo maior com testemunhos de curta extensão ordenados alfabeticamente (a cada letra do alfabeto corresponde uma localidade da Silésia alemã e para cada localidade é inserido um relato). Depois encontra-se um relato de maior extensão de uma jovem mãe de Breslau. É introduzida a seguir uma tabela com as baixas de uma congregação de freiras. As três páginas finais são dedicadas a polacos e a russos que protegeram mulheres alemãs. Os polacos surgem em vários testemunhos como colaboradores dos soviéticos (nalguns casos são referidos como mais cruéis para com os alemães). Já na introdução ao segundo capítulo, Kaps tentara alertar contra esta percepção ao afirmar a necessidade de distinguir a maioria da população polaca, que seria boa e crente, de uma minoria comunista, que, dominada pelo ódio e sob a influência dos soviéticos, participara nas violações. As páginas finais pretendem funcionar precisamente como prova disso. Este pressuposto é fundamental para a moral que Kaps tenta difundir com o seu livro: a responsabilização do comunismo pelos crimes e a crença de que as experiências terríveis da guerra tinham aproximado muitos do divino e que seria este “regresso a Deus” à força que poderia possibilitar a reconciliação entre os povos e um futuro de paz. A recordação do sofrimento alemão conjuga-se assim claramente com uma vontade de recristianização da Europa:

So haben wir die Hoffnung, dass die unschuldigen Opfer des deutschen Ostens nicht unsonst gelitten, sondern den Grund gelegt haben zu einer besseren christlichen Zukunft des deutschen Volkes und der slawischen Völker. (K: 23)

[Assim tenhamos a esperança de que as vítimas inocentes do Leste alemão não tenham sofrido em vão, mas que tenham aberto os alicerces para um melhor futuro cristão para o povo alemão e os povos eslavos.]

Ao livro de Kaps subjazem dois objectivos que se cruzam e se complementam. A obra apresenta-se, por um lado, como documento destinado a prestar testemunho do passado, no sentido de provar a dimensão do sofrimento alemão e a brutalidade soviética no desfecho da Segunda Guerra Mundial. Por outro, tenta interferir no presente ao procurar consolar as vítimas desse passado e oferecer lições de vida para a sociedade em geral. Veremos agora como o anti-comunismo, certas construções de género e a doutrina oficial da Igreja Católica se cruzam nestes esforços.

A interpretação das violações como marca da 'barbárie soviética' contra os cristãos surge logo no prefácio, quando o Bispo Ferche define o livro como testemunho do heroísmo das mulheres e raparigas alemãs do Leste durante o "assalto das hordas bolcheviques e como monumento ao Ocidente cristão" (K: 7). As atrocidades contra os alemães na Segunda Guerra Mundial são recordadas como parte de uma narrativa antiquíssima de sofrimento cristão às mãos dos infiéis. A Silésia de 45/46 surge assim, nas palavras do Bispo, como "arena de mártires", como espaço de provação para os crentes (K: 7). Por isso, a obra tem como mote uma citação do Breviário Romano referente à Virgem e Mártir Santa Lúcia: "Wenn du mir gegen meinen Willen Gewalt antun lässt, so wird meine Keuschheit mir sogar doppelt belohnt," (K: 3) [Se me violentares contra a minha vontade, a minha castidade ser-me-á duplamente recompensada]. Maria Goretti, a jovem católica italiana de doze anos assassinada em 1902 numa tentativa de violação, e a cerimónia da sua canonização em 1950 desempenham um importantíssimo papel na Introdução. Goretti é apresentada como antecessora das mulheres e jovens alemãs na Segunda Guerra Mundial: „Im Osten hatten wir Hunderte von Maria Gorettis; wer spricht von ihnen?“ (K: 9) [No Leste tivemos centenas de Maria Gorettis: quem fala delas?]. Os próprios testemunhos, recolhidos entre alemães crentes, em que se nota um elevado número de padres e freiras, são dominados por palavras e por uma imagética do foro religioso. É ao imaginário cristão que os expulsos vão buscar uma linguagem e categorias do mundo para apreender as vivências do fim da guerra e da ocupação soviética. Veja-se, por exemplo, os seguintes excertos (o primeiro é de uma freira e o segundo da jovem mãe de Breslau):

Die Russen wurden dreister, es waren mongolische Horden, wie wir später erfuhren, die schlimmsten, manche Gesichter direkt satanisch. Nun begann ein reines Martyrium (...). (K: 75) [Os russos perderam o pudor, eram hordas de mongóis, como depois soubemos, os piores, algumas caras claramente satânicas. Então começou um autêntico martírio (...)]

So ungefähr mag es bei den ersten Christen gewesen sein, eine frohe und wahre Gemeinschaft, nichts Falsches. (K:126) [Mais ou menos assim deve ter sido entre os primeiros cristãos, uma comunidade alegre e verdadeira, nada de falso.]

As alemãs violadas não são apresentadas como vítimas de conflitos políticos concretos, uma vez que os abusos que sofreram não são analisados no contexto da espiral de violências da guerra e dos crimes alemães no quadro político do ataque à União Soviética. As violações não são sequer equacionadas com o fenómeno tendencialmente universal da violência sexual em conflitos armados. As histórias narradas são sobre mulheres cristãs abusadas por bolcheviques. O contexto histórico desaparece e, em contrapartida, a violência é integrada, por um lado, numa narrativa de perseguição aos cristãos e, por outro, na profícua tradição das mártires cristãs da castidade. Desta maneira, o sofrimento alemão não surge como consequência das decisões políticas do Terceiro Reich mas como encarnação de uma ancestral paixão cristã. A União Soviética não é apresentada como adversário de guerra do Nacional-Socialismo, mas como carrasco dos crentes. As violações aparecem como repetição de um fenómeno a-histórico: a luta do Mal contra o Bem, do pecado contra a castidade, da barbárie contra a civilização. Em termos geográficos e culturais as fronteiras são fáceis de traçar: do Leste bolchevique (Ásia) vem a barbárie, no Ocidente cristão (Europa) vive o Bem. É aí, a essa ‘Europa cristã’, que pertence o povo alemão.

Kaps coloca-se, desta maneira, na esteira da longa tradição de demonização do Oriente e da União Soviética. A Ásia ou o Leste enquanto encarnação de um Outro bárbaro, perigoso, cruel e sem cultura é recorrente na construção de identidades europeias e ocidentais. A partir da Revolução de Outubro, a Rússia (e posteriormente a União Soviética) surge como catalisador de medos, como encarnação do ‘monstro’ do Leste, revestindo-se o anti-comunismo gradualmente de tópicos orientalistas. O bolchevismo e o comunismo deixam de ser entendidos como fenómenos europeus e ocidentais para se tornarem marcas de um contra-modelo de fora. Neste contexto são recorrentes imagens terríveis de violência sexual.^[6]

6 Existe bibliografia sobre a intersecção, no espaço alemão, do anti-bolchevismo com discursos orientalistas. Veja-se, a título de exemplo, Ayçoberry (2001) e Moore (2003).

A obra de Kaps é exemplar desse fenómeno. A violência sexual permite demonizar a União Soviética enquanto regime que rompe os mais básicos tabus e normas sociais ao quebrar violentamente os pilares da sociedade patriarcal e da moral cristã: não respeita a virgindade feminina nem os laços sagrados do casamento (isto é, não reconhece o lugar da mulher como filha e esposa de alguém); não frena a luxúria perante as “esposas de Deus”. Os abundantes casos de violação e assassinio de freiras, alguns relatados na primeira pessoa (por exemplo K: 43s), a par da profanação / violação de cadáveres (K: 82), surgem como exemplo máximo da ausência de valores, do caos civilizacional e da selvajaria imputados pelos testemunhos aos vencedores. Veja-se, por exemplo, a violação e morte de uma freira cega e surda de 85 anos (K: 90).

Na obra, o ateísmo e o comunismo são responsabilizados pela violência sexual, como é referido directamente num relato:

Das ist die große Tragik des Russenvolkes: die Religion aus dem Volke gewaltsam beseitigt, kannte dieses Volk kein siebentes und zehntes, aber auch kein sechstes und neuntes Gebot! Viele Frauen und Mädchen wurden gewaltsam und ganz tierisch geschändet. (K: 99)

[Esta é a grande tragédia do povo russo: com a religião retirada ao povo violentamente, este povo não conhecia o sétimo nem o décimo mandamento, nem tão pouco o sexto e o nono! Muitas mulheres e raparigas foram desonradas de forma violenta e totalmente selvagem.]

Um outro testemunho termina com as palavras „Allmächtiger, gütiger Gott, gib den Russen die Gnade der Bekehrung und schenke allen Völkern den Frieden.“ (K: 46) [Deus todo poderoso e bondoso, dai aos russos a graça da conversão e oferece a paz a todos os povos]. É a renúncia a Deus após a Revolução de Outubro que é considerada responsável pelos actos de violência. Os silenciamentos e omissões do texto apontam desde logo para o carácter problemático desta abordagem. Não são referidos os elevadíssimos níveis de violência sexual durante a ocupação da União Soviética e contra as mulheres dos ‘inimigos’ do regime (pensemos, por exemplo, no que era o quotidiano nos campos de concentração)⁷ nem as violações de alemãs cometidas por membros das forças aliadas ocidentais. Tal prende-se, por um lado, com a visão binária e maniqueísta do fenómeno: sendo a violência sexual uma marca dos não crentes, não é concebível que nações

7 Existe alguma bibliografia sobre a violência sexual nos campos de concentração. Veja-se a título de exemplo Eschebach & Mühlhäuser (2008). Sobre a violência sexual no quadro do ataque à União Soviética, veja-se um título recente: Mühlhäuser (2010).

cristãs a pratiquem em larga escala. Por outro lado, traduz uma visão do passado em que os alemães surgem não como responsáveis pelo Terceiro Reich, pelo rebentar do conflito e pelos terríveis crimes de guerra e genocídios que marcaram a frente Leste, mas como vítimas.^[8] Os poucos relatos que aludem ao Nazismo fazem-no unicamente para acentuar que foram os pobres e os inocentes que sofreram a violência soviética, não os que tinham cargos de autoridade ou os que partilhavam os ideais do regime:

Wer sich von seinem Hab und Gut nicht trennen mochte, wer alt, krank, arm, verantwortungsvoll war, eine "reine Weste" hatte und an den Menschen, ja Christen des Ostens glaubte, blieb und musste erfahren, was Hass, Unmoral, was Krieg schlechthin ist. (K: 51-2)

[Quem não queria separar-se dos seus bens, quem era velho, doente, pobre, responsável, quem estava "limpo" e acreditava nas pessoas, cristãos do Leste, ficou e viveu na pele o que era ódio, falta de moral, o que era a guerra simplesmente.]

O relato central da jovem mãe de Breslau é disso exemplar. Antes de o marido ser recrutado com o rebentar da guerra, a narradora recorda um ano de casamento feliz e despreocupado. A Noite de Cristal, que tão violentamente fora vivida em Breslau, não faz parte das suas memórias. O Nacional-Socialismo é recusado, mas não por causa da ideologia racista e genocida nem dos crimes de guerra. A narradora responsabiliza as autoridades pelo sofrimento da população alemã na fase final Guerra, acusando-as de não terem tomado as medidas necessárias para proteger os civis. Os 'alemães normais' surgem assim como duplamente vítimas: dos nazis e dos soviéticos.

O volume de Kaps exemplifica um processo analisado em vários estudos (Heineman, 1996: 365; Moeller, 2001: 67) sobre o modo como certas experiências vividas na guerra por uma parte das mulheres alemãs, como a violação e a expulsão, passam a significar na República Federal da Alemanha o sofrimento do povo alemão. No processo que permitiu à população ver-se sobretudo como vítima de guerra há que ter em conta a dimensão religiosa que o fim violento do Leste alemão adquiriu na memória colectiva, como o bem exemplifica a obra de Kaps. Neste contexto, é necessário recordar o papel das instituições cristãs. Como o notou Dagmar Herzog, depois de 1945 as principais Igrejas cristãs apressaram-se a apresentar-se como opositoras do regime nacional-socialista, reivindicando assim um papel privi-

8 Sobre a imagem, dominante na República Federal da Alemanha dos anos 50, dos alemães como povo de vítimas ver, por exemplo, Moeller (2001; 2006a; 2006b) e Schmitz (2007).

legiado como pilares para a reconstrução moral. Ainda que seja conhecida a actuação de vários padres e pastores como opositores do regime e da sua política anti-semita, há que ter em conta que se trataram essencialmente de actos isolados que não traduziam a posição oficial das principais Igrejas. Como o mostram vários estudos (por exemplo: Ayçoberry, 2003: 460; Herzog, 2005: 53ss.), as relações entre os Estado e as confissões religiosas pautaram-se no geral pela convivência e mesmo pela colaboração em determinadas questões, das quais o anti-comunismo e o combate à ‘cultura judaica’ (no sentido de cosmopolita, urbana e secular) são os aspectos mais óbvios. Silenciando esse passado de convergências, as Igrejas puderam invocar questões em que de facto tinham existido fricções (eutanásia, política sexual) e assim apresentar-se como opositoras e mesmo vítimas.

Este tipo de abordagem, que subjaz à obra de Kaps, favorecia claramente o discurso anti-comunista da Guerra-Fria. Enquanto representantes de uma cultura cristã ocidental, os expulsos, bem como as mulheres violadas, podiam dissociar-se do regime nacional-socialista, tornando-se unicamente mensageiros do terror soviético. Ao público ofereciam uma imagem homogênea e assustadora do Exército Vermelho, que se predispunha para demonizar a União Soviética e desacreditar a RDA. Assim se favoreceu a construção (ou provavelmente a continuação) de um Outro absoluto, de um inimigo que, ainda que pudesse ser localizado em termos geográficos, era sobretudo o resultado de construções culturais e ideológicas.

A propaganda política conservadora da época Adenauer serviu-se abertamente de fobias associadas à experiência traumática das violações para justificar posicionamentos políticos. Vejamos um cartaz de 1952 da *Volksbund für Frieden und Freiheit* [Liga popular para a paz e a liberdade] (organização anti-RDA criada em 1949) que usa as violações como metáfora para a amizade germano-soviética, apresentando o Estado alemão rival como fruto da violência e subjugação de uma Alemanha feminina por uma União Soviética masculina. A imagem da União Soviética como uma masculinidade agressiva e repelente é aliás recorrente na propaganda política anti-soviética, numa continuação de certas imagens do passado.^[9] Elisabeth Heineman presta especial atenção a um cartaz da coligação política conservadora CDU – “Nein, darum CDU” [Não, por isso CDU] – que

9 O Museu de História Alemã disponibiliza alguns destes cartazes. Procurar em <http://www.dhm.de/~roehrig/ws9596/texte/kk/dhm/bsp.html> [acedido a 01-03-2010]. O anti-comunismo e as fobias referentes à União Soviética não foram exclusividade do Terceiro Reich, encontrando-se não só noutros períodos do século XX alemão, como também noutros países europeus (Ayçoberry, 2001). Há ainda que ter em conta que muitos desenhadores e caricaturistas da República Federal já tinham trabalhado no Terceiro Reich.

retrata a União Soviética como homem asiático ameaçador. Conclui que este tipo de imagética onde ecoa a fobia das hordas de Gengis Khan sinaliza como a violência sexual de 1945 funcionou na Alemanha Federal como expressão da barbárie asiática e metáfora para a brutalização da Alemanha e da sua cultura cristã ocidental pelo comunismo (Heineman, 1996: 355, 367-73). As violações não foram assim recordadas na esfera pública como experiência sexual violenta contra determinados indivíduos no contexto das estruturas do patriarcado e dos efeitos da redução do corpo feminino a campo de batalha para masculinidades em confronto em cenários de guerra. Em vez disso, foram resignificadas como imagem política profundamente ancorada nos discursos hegemônicos da Guerra-Fria. Esse inimigo brutal e asiático ajudou a República Federal a se definir na ordem internacional da Guerra-Fria enquanto parte da Europa Ocidental. Se o perigo estava a Leste, então a salvação estava a Oeste: na República Federal enquanto 'Alemanha legítima' e com os Aliados Ocidentais e as suas instituições militares, económicas e políticas. Eram estas que poderiam proteger o Ocidente cristão de um Leste sem Deus.

Subjaz a este discurso a imagem de uma Alemanha feminizada, a nação frágil, ameaçada por uma masculinidade perversa. Petra Goedde defende que os contactos pessoais de militares norte-americanos com mulheres alemãs ajudaram a transformar a percepção que os Estados Unidos tinham da Alemanha: de um agressor masculino a uma vítima feminina (Goedde, 1999). Também na República Federal da Alemanha a reconstrução da identidade nacional se serve de construções de género que passam pela representação da nação como mulher. A percepção do Estado como nação feminizada e ameaçada por um inimigo entendido como masculinidade agressiva não serviu apenas para legitimar a procura de alianças a Ocidente. Foi também de importância no processo de remasculinização alemã, isto é, nos esforços de reinventar um papel para os homens alemães e para o próprio Estado como protetores da nação, capazes de proteger as suas mulheres e filhas desse inimigo perverso.

São vários os estudos sobre os esforços de remasculinização na República Federal da Alemanha e a sua correlação com um certo ideal de feminilidade, com a conceção da família patriarcal como alicerce de estabilidade e com o controlo da sexualidade (por exemplo, Moeller, 1993). Nos seus trabalhos sobre o cinema popular alemão dos anos 50 (tanto os filmes de guerra como os *Heimatfilme*), Robert Moeller mostra como a jovem nação, depois do descalabro militar e da descredibilização da 'masculinidade racialmente superior' promovida no Terceiro Reich, vai construir um ideal de masculini-

nidade ‘moralmente superior’: o cidadão respeitador da lei que não partilha obsessões nacionalistas e expansionistas, mas que é capaz de, em caso de ameaça, pegar em armas para defender a família e o país (Moeller, 2001: 123ss.; Moeller, 2006b). Dagmar Herzog salientou os esforços das Igrejas cristãs em colocarem a questão da sexualidade e da família no centro dos discursos sobre a reconstrução. Partilhando a percepção muito difundida na altura de que teriam sido os eventos que marcaram o fim da guerra e a ocupação (e não as políticas agressivas do Terceiro Reich, na origem da guerra) os responsáveis pela desagregação social da época (casamentos desfeitos, adultério, prostituição, abortos, etc.),^[10] as principais igrejas cristãs empenharam-se em promover o controlo da sexualidade e a família patriarcal como curas para o caos social e pilares para o renascimento moral do povo alemão (Herzog, 2005: 92ss., 107ss., 127ss., 146ss.).

Martírio e heroísmo de mulheres da Alemanha Oriental faz parte claramente desta ofensiva conservadora em termos da moral e dos costumes. Logo no prefácio, o bispo Ferche dá a perceber que o objetivo da obra não se esgota na criação de um monumento ao passado. Afirmando que os sacrifícios relatados devem servir de exemplo numa época em que tantas alemãs arriscam levemente a honra, o bispo declara “Möge dieses Buch (...) den christlichen Edelmut und Opfergeist in unserer Jugend entzünden (...)” (K: 8) [Queira este livro despertar a nobreza cristã e o espírito de sacrifício na nossa juventude (...)]. No final do volume, é inserida uma resenha ao livro exortando os leitores a encontrarem na força de vontade dessas mulheres e raparigas da Silésia a ventura redentora para o ressurgimento de uma Europa cristã (K: 143). Os objetivos da obra no quadro da geopolítica da Guerra-Fria e do anti-comunismo são assim indissociáveis de um subtexto virado para a regulamentação do comportamento moral e das normas sexuais no contexto de uma vontade de ‘re Cristianizar’ a Europa.

Kaps esforça-se assim por apresentar comportamentos exemplares de alemãs da Silésia com o intuito de combater o ‘relaxamento’ de um certo ideal católico de mulher. Desta maneira, se explicam certos silêncios da obra. Ao lermos memórias como o famoso *Uma Mulher em Berlim*, deparamo-nos com numerosas referências a atos de prostituição e de fraternização, à realização de abortos e à impotência e mesmo cobardia dos homens alemães pe-

10 Embora o ‘relaxamento’ de valores, a secularização e a americanização cultural sejam fenómenos que atravessam a Alemanha da primeira metade do século XX (veja-se, por exemplo, um estudo mais antigo: Schäfer, 1981), esta ofensiva conservadora vai identificá-los com os anos caóticos do após-guerra e responsabilizá-los pela destruição de famílias e pela fraternização com soldados estrangeiros.

rante as violações. Na obra de Kaps este tipo de situações está praticamente ausente. Veja-se, por exemplo, o relato da educadora de infância. Num tom extremamente elogioso para com os homens alemães, a narradora salienta que estes não só sofriam níveis de mortalidade mais elevados por serem alvo de maior violência, como também afirma que mesmo enquanto prisioneiros tentavam proteger as mulheres da violência sexual (K: 24s.). O passado é recordado, mas apenas na medida em que não ponha em causa a recuperação da masculinidade alemã e se coadune com certos valores. A obra de Kaps não pode assim ser vista como resultado de um simples esforço de documentação, mas sobretudo como meio de resgatar do passado o que pudesse funcionar como história edificante para o presente. Focalizam-se atitudes consideradas nobres, enquanto se votam ao esquecimento comportamentos entendidos como reprováveis. Tal explica a abundância de passagens que são um misto de catecismo e de conselhos práticos para o quotidiano.

Vejamos a questão da estigmatização das mulheres violadas, um problema que preocupa Kaps. São transcritas as palavras de algumas vítimas que se queixam do ostracismo e da solidão a que foram votadas:

Für mich ist es jetzt noch nach fünf Jahren sehr peinlich, darüber zu sprechen und regt mich noch immer sehr auf. Dann wurden darüber schon soviel Berichte geschrieben, geholfen hat es uns Mädchen doch nichts mehr, höchstens wurden wir von der Seite angesehen. Es ist wohl das Beste, darüber zu schweigen, denn die Unschuld bekommen wir doch nicht wieder. (K: 15)
 [Para mim é ainda agora, depois de cinco anos, muito embaraçoso falar sobre isso e ainda me aflige muito. Depois escreveram-se muitos relatos, mas nada mais nos ajudou a nós raparigas, quando muito éramos olhadas de lado. O melhor é mesmo não falar sobre isso, pois não iremos recuperar a pureza.]

Wer aber beugt sich vor dem Opfer der deutschen Frau des deutschen Ostens, die, geschändet, gequält, fürs Leben krank und siechend noch heute leben muss? Wer ehrt die Frau, die die Frucht solch weher und schrecklicher Stunden austrug und ein Kind gebar, das sie nicht wollte? Wer weiß um die Qual der Mutter, die vor ihren Kindern unzählige Male entehrt, die Liebe und das Zutrauen der eigenen Kindern verlor? (...) Wer begreift das Furchtbare, das unseren kleinen Mädchen angetan wurde? (...) Sie leben noch meistens. (K: 84-5)
 [Quem se curva perante o sacrifício da mulher alemã do Leste alemão, que ainda hoje tem de viver desonrada, torturada, para sempre doente e a definhar? Quem honra a mulher que carregou o fruto de tais horas dolorosas e terríveis e deu à luz um filho que não queria? Quem sabe do tormento da mãe que foi desonrada inúmeras vezes perante os filhos, que perdeu o amor e a confiança

dos próprios filhos? (...) Quem compreende o horror que foi feito às nossas meninas? (...) A maioria ainda vive.]

Kaps pretende consolar as mulheres violadas, combater a estigmatização de que são vítimas no presente e assim promover a sua integração social. Recorre às palavras de Santo Agostinho sobre as cristãs sexualmente violentadas pelos bárbaros para as ilibar de pecado: „Solange die Keuschheit der Seele besteht, kann auch am Leibe die Reinheit nicht verloren gehen, auch wenn ihm Gewalt angetan wird.“ (*apud* K: 14) [Enquanto a castidade da alma persistir, a pureza do corpo não se perde, mesmo quando este é violentado]. Uma argumentação semelhante é usada pelo bispo húngaro Josef Mindszenty na carta dos bispos húngaros de 24 de Maio de 1945:^[11]

Es ist unsere höchste Pflicht, die jungfräuliche und eheliche Reinheit auch unter den schwierigsten Verhältnissen zu schützen. Wenn aber jemand vergewaltigt wurde, der kann ruhig sein, weil er ohne Sünde ist. Seine Reinheit leuchtet vor Gott trotzdem immer noch in vollem, ungetrübtem Glanze. (K: 15).

[É a nossa maior obrigação proteger a virgindade e a pureza do casamento nas mais adversas condições. Mas quando alguém é violado, pode estar descansado, porque não está em pecado. A sua pureza continuará a luzir perante Deus num brilho completo e límpido.]

Num contexto de desaprovação de atos sexuais fora do casamento, as mulheres violadas são ilibadas do pecado, uma vez que o importante seria a “castidade da alma” (K: 14), a „atitude interior“ (K: 16) e não o ato em si. Apenas estariam em pecado as que tentaram escapar à violência através do suicídio ou as que abortaram (K: 17ss). Kaps transcreve mesmo um longo excerto do Boletim da Arquidiocese de Munique e Freising de 1945 em que, claramente visando a prática generalizada de aborto no contexto das violações e de relações extra-conjugais que marcaram o fim da guerra, se desaprovava vigorosamente tal prática e se condenavam os médicos que a realizavam (K: 18). Às grávidas é exigido que levem as gravidezes até ao fim e, caso não tenham as condições ou a vontade de criar os filhos, que os entreguem à Igreja, para que as suas instituições os eduquem na fé cristã. Tendo em conta que tinha passado quase uma década sobre os acontecimentos relatados e que o problema do destino a dar às gravidezes provocadas pelas violações já não se colocava, fica a suspeita de que a preocupação do autor não é tanto com as mulheres que abortaram em 1945/46,

¹¹ A entrada do Exército Vermelho na Hungria foi marcada por elevados índices de violência sexual. Sobre as violações em Budapeste ver, por exemplo, Mark (2005).

mas com os abortos da década de 50. A firme oposição ao aborto foi uma das principais preocupações da Igreja Católica na época, um campo em que conseguiu ver implantada legislação que ia no sentido da sua doutrina. Ainda que a prática permanecesse ilegal até à década de 70, foram realizados anualmente numerosos abortos.^[12] É sobretudo às mulheres que nos anos 50 pretendiam abortar e não às vítimas de violência sexual na guerra que as palavras de Kaps sobre o aborto se dirigem. A revisitação e o confronto com o passado realizam-se assim em íntima correlação com a afirmação de certos pontos da doutrina oficial da Igreja Católica. A remasculinização processa-se dentro de um quadro de controlo da sexualidade e de promoção de um ideal conservador de mulher, que se cruza com certos posicionamentos da Igreja Católica.

Neste contexto ganham grande importância as histórias de mulheres que, através de orações, despertaram compaixão junto dos atacantes soviéticos e assim conseguiram escapar à violação. O último relato adquire aqui grande destaque. Kaps apresenta-o como testemunho que representa de forma exemplar o heroísmo da mulher alemã: os esforços para defender a pátria e, quando tal se revelou impossível, o heroísmo no salvamento dos filhos e dos mais velhos (K: 121). Ao assinalar que o canto épico à mulher alemã ainda estava por escrever, Kaps indica que esta jovem mulher de Breslau poderia ser encarada como modelo para tal empreendimento. Ela corresponde de facto ao ideal de mulher promovido a partir de círculos cristãos conservadores: a mãe corajosa e dona de casa cumpridora, a esposa que permanece fiel ao marido ausente, a fada do lar que tem a seu cargo os filhos e os anciãos da família, a crente que através da fé e da oração escapa à violência sexual e à morte.

A jovem mãe de Breslau é uma das quatro mulheres alemãs destacadas no livro. O seu relato, juntamente com o da educadora de infância, ganha proeminência pela maior extensão e pela localização (nomeadamente como último e como primeiro dos testemunhos). As outras duas mulheres, Bärbel K. e Elisabeth J., ganham centralidade por serem as únicas cujas fotos são reproduzidas (no início e junto à página 80 respetivamente). Ora, as histórias destas mulheres obrigam a que seja questionada a efetiva capacidade da obra em combater a estigmatização das vítimas de violação. Das quatro apenas uma é referida como violada: Elisabeth J., assassinada pelo violador (K: 83-84). As duas heroínas dos relatos afirmam que conseguiram escapar

12 Sobre esta questão, ver, por exemplo, as páginas que Dagmar Herzog dedica ao casamento, ao controlo da natalidade e ao aborto na República Federal da Alemanha dos anos 50 (Herzog, 2005: 146s., 157ss.).

à violência e Bärbel K. foi assassinada acidentalmente numa tentativa de violação (K: 86-87). Há igualmente que ter em conta que as mártires cristãs que Kaps invoca para consolar as alemãs violadas eram jovens e mulheres ameaçadas de violência sexual que tinham sido mortas sem que o ato se chegasse a concretizar. Ao conferir lugar de destaque a mulheres que não tiveram de conviver com o estigma da violência sexual (aqui se incluem as assassinadas), Kaps sugere que são estas as maiores heroínas, relegando as violadas para um lugar de certo modo subalterno. Ainda que não sejam vistas como pecadoras, é como se as experiências de violência sexual as tornassem inferiores, lhes imputassem uma mancha que as impedia de serem vistas como reais modelos de virtude. Esta imagem, na esteira da antiquíssima estigmatização das vítimas de violação em sociedades patriarcais (a violação como motivo de vergonha), parece ser confirmada por algum do vocabulário usado no livro. Ao contrário da maioria dos relatos, onde deparamos frequentemente com a palavra violação, Ferche e Kaps revelam uma apetência por expressões indiretas, como *Opfer der Gewalt* [vítima da violência] (K: 7) e *Martyrinnen* [mártires] (K: 7-8), e termos que de algum modo reafirmam os valores patriarcais responsáveis pela estigmatização das vítimas de violação: *Verletzung der Frauenehre* [ofensa à honra da mulher] (K: 10), *Erniedrigung* [humilhação] (K: 17).

No destaque dado ao relato da jovem mãe de Breslau há ainda a ter em conta uma espécie de mensagem subliminar: mostrar que nem todas as mulheres que tinham estado em contacto com os soviéticos tinham sido violadas. Logo na introdução Kaps alertara:

Die nachfolgenden Schilderungen sollen durchaus nicht den Eindruck erwecken, als ob in den Ostgebieten kein Mädchen ab 13 und keine Frau bis 80 Jahre unberührt geblieben ist. (K: 23)

[As descrições que se seguem não devem criar a impressão de que nas regiões de Leste nenhuma rapariga com mais de 13 anos ou mulher com menos de 80 permaneceu incólume.]

No diário anónimo *Uma Mulher em Berlim*, a autora observa a dificuldade de os homens alemães lidarem com as violações, suspeitando que por uma questão de sobrevivência social e para salvar casamentos muitas vítimas iriam omitir junto dos companheiros a violência sofrida: “Nós [...] teremos de nos manter caladas e agir como se, de facto, houvéssemos sido poupadas. Se não, nenhum homem quererá voltar a tocar em nós” (Anónimo, 2006: 148). Ao dar lugar de destaque ao relato da jovem mãe de

Breslau, oferece-se a possibilidade às mulheres do Leste de se apresentarem como exceções num contexto de violência sexual, ou mais precisamente, a possibilidade de não terem, por causa do contacto com o Exército Vermelho, a sua reputação (e conseqüentemente a das suas famílias) questionada e manchada.

A obra de Kaps revela paradigmaticamente como o fim violento do Leste alemão foi recordado nos círculos católicos da era Adenauer dentro de uma narrativa de vitimização alemã de carácter anti-comunista e em estreita aliança com a ofensiva conservadora visando costumes sociais e normas sexuais. Usando construções de género para definir forças políticas e fazendo da sexualidade um objeto de controlo político, a reconstrução é marcada por uma memória da guerra em que certos destinos individuais são destacados como emblemas do coletivo alemão, ao passo que outros são silenciados e ignorados. O confronto com o passado resume-se aos anos de 1945/46 e aos casos de mulheres alemãs vítimas dos militares soviéticos e seus colaboradores polacos. As outras mulheres alemãs da Silésia que foram alvo de violência e morte nos anos anteriores (opositoras políticas e perseguidas por motivos raciais) estão totalmente ausentes do texto. Recordemos que Breslau, a cidade perdida da jovem mãe do relato central, fora um importante centro da cultura judaica alemã. Até às perseguições do Terceiro Reich, a cidade contava com periódicos como o *Jüdisches Volksblatt* [Jornal popular judaico], mais tarde chamado *Jüdische Zeitung für Ostdeutschland* [Jornal judaico para o Leste da Alemanha] (1895-1937), e o *Breslauer Jüdisches Gemeindeblatt* [Jornal da comunidade judaica de Breslau] (1924-1938), importantes instituições de ensino como o Seminário Judaico-Teológico de Breslau (1854-1938), várias sinagogas e alguns cemitérios judaicos.^[13] Kaps omite porém o destino das mulheres alemãs desta comunidade, isto é, o exílio para as que emigraram a tempo e a deportação e o extermínio para as que ficaram. O martírio e o heroísmo destas mulheres são silenciados no memorial de Kaps ao fim violento da Silésia alemã. Dentro da sua concepção de identidade, eram apenas as cristãs, e não as mulheres de outras religiões ou as ateias, que podiam ser consideradas alemãs.

13 Foi sobretudo a Noite de Cristal em Novembro de 1938 que marcou o fim das actividades sociais, culturais e educativas da comunidade judaica alemã de Breslau. No final da guerra, restavam ali poucos judeus (apenas casados com 'arianos' e algumas crianças). Depois da guerra judeus polacos criaram na cidade uma nova comunidade judaica.

BIBLIOGRAFIA

- ANÓNIMO (2006), *Uma Mulher em Berlim*, trad. Hans Helmker & Fernanda Helmker, Lisboa, Texto Editores [A Woman in Berlin. Virago Press, 2003].
- ABMEIER, Hans-Ludwig (s/d), *Kaps, Johannes*, Ostdeutsche Biographie: Persönlichkeiten des historischen deutschen Osten, disponível em <http://www.ostdeutsche-biographie.de/kapsjo06.htm>, acessado a 26-01-2011.^[14]
- AYÇOBERRY, Pierre (2003), „Der Bolschewik“. In: Etienne François & Hagen Schulze (eds.), *Deutsche Erinnerungsorte I*, München, Beck, pp. 454-68.
- ESCHEBACH, Insa & MÜHLHÄUSER, Regina (eds.) (2008), *Krieg und Geschlecht. Sexuelle Gewalt im Krieg und Sex-Zwangsarbeit in NS-Konzentrationslagern*, Berlin, Metropol.
- GOEDDE, Petra (1999), „From Villains to Victims: Fraternalization and feminization of Germany, 1945-47“, *Diplomatic History*, vol. 23, nº1, pp. 1-20.
- HEINEMAN, Elisabeth (1996), „The Hour of the Woman. Memories of Germany’s ‘Crisis Years’ and West German National Identity“, *The American Historical Review*, vol. 101, nº 2, pp. 354-395.
- HERZOG, Dagmar (2005), *Die Politisierung der Lust. Sexualität in der deutschen Geschichte des 20. Jahrhundert*, München, Siedler.
- KAPS, Johannes (ed.) (1954), *Martyrium und Heldentum Ostdeutscher Frauen. Ein Ausschnitt Aus Der Schlesischen Passion 1945/46*, München, Christ Unterwegs. (K)
- MARK, James (2005), „Remembering rape: Divided social memory and the Red Army in Hungary 1944-1945“, *Past & Present*, vol. 188, pp. 133-161.
- MOORE, Gregory (2003), „From Buddhism to Bolshevism: some orientalist themes in German thought“, *German Life and Letters*, vol. 56, nº1, pp. 20-42.
- MOELLER, Robert G. (1993), *Protecting Motherhood: Women and the Family in the Politics of Postwar West Germany*, Berkeley/ Los Angeles/ Oxford, University of California Press.
- (2001), *War Stories: The Search for a Usable Past in the Federal Republic of Germany*, Berkeley/ Los Angeles/ London, University of California Press.
- (2006a), „The Politics of the Past in the 1950s: Rhetorics of Victimization in East and West Germany“. In: Bill Niven (ed.), *Germans as Victims. Remembering the Past in Contemporary Germany*. Houndmills, Palgrave Macmillan, pp. 26-42.
- (2006b), „Victims in Uniform: West German Combat Movies from the 1950s.“ In: Bill Niven (ed.), *Germans as Victims. Remembering the Past in Contemporary Germany*, Houndmills, Palgrave Macmillan, pp. 43-61.

14 A nota biográfica sobre Johannes Kaps é baseada em dados da publicação de Hans-Ludwig Abmeier (2000/2001), „Kardinal Bertrams Domvikare“, *Oberschlesisches Jahrbuch*, 16/17, 151-191. As páginas 183-185 são dedicadas precisamente a Kaps.

- MÜHLHÄUSER, Regina (2010), *Eroberungen. Sexuelle Gewalttaten und intime Beziehungen deutscher Soldaten in der Sowjetunion 1941-1945*, Hamburg, Hamburger Edition.
- SCHÄFER, Hans Dieter (1981), „Das gespaltene Bewusstsein. Über die Lebenswirklichkeit in Deutschland 1933-1945“. In: Hans Dieter Schäfer, *Das gespaltene Bewusstsein. Deutsche Kultur und Lebenswirklichkeit 1933-1945*, München, Carl Hanser, pp. 114-162.
- SCHMITZ, Helmut (ed.) (2007), *A Nation of Victims? Representations of German Wartime Suffering from 1945 to the Present*, Amsterdam, Rodopi.
- SIELKE, Sabine (2002), *Reading Rape: The Rhetoric of Sexual Violence in American Literature and Culture, 1790-1990*, Princeton, Princeton University Press.

MNEMO-GRAFIAS INTERCULTURAIS
INTERKULTURELLE MNEMO-GRAPHIEN
INTERCULTURAL MNEMO-GRAPHIES

Organização: Mário Matos & Orlando Grossegese

Direcção gráfica: António Pedro

Capa: Pedro Castro

Edição do Centro de Estudos Humanísticos
da Universidade do Minho

© EDIÇÕES HÚMUS, 2012

End. Postal: Apartado 7081 – 4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Tel. 252 301 382 / Fax 252 317 555

E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão

1.ª edição: Dezembro de 2012

Depósito legal: 321063

ISBN 978-989-8139-69-6

nemo-Graphien
s Interculturais Mn
tural Mnemo-Graphia

Interkultu
Mnemo-Grafia
Intercultural Mnemo-

elle Mnemo-Graphia
nt
C



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



ISBN 978-989-8139-69-6



9 789898 139696

